



ABREU JUNIOR, F. Campos. O brasão de Campinas. City News, Campinas, 18 set. 1960.

O BRASÃO DE CAMPINAS

O Brasil já era republica, quando se adotou para Campinas sua pedra de armas. Ideada, ainda na Monarquia, pelo dr. Ricardo Gumbleton Daunt, muito trabalho custou a esse ilustre campineiro de adoção. Quanta habilidade lhe custou, naqueles dias de fim do Imperio! Um brasão, coisa que lembrava nobreza e reafirmava de certo modo usanças imperiais, era algo de mal visto pelos espiritos incendiados pelas pretensões e ilusões republicanas.

Não bastaram, porém, as dificuldades de caráter politico. Outros empecilhos quase frustraram a concretização do objetivo do dr. Ricardo. Entre estes, contava-se o des-caso com que, na época, se encarava a heraldica. Assim sendo, a falta de conhecimentos dessa ciencia foi entrave dos maiores.

O conselheiro Tristão de Alencar Araripe, durante as demarches para a instituição do estema, a 18 de outubro de 1889, em carta ao autor da proposição, escreve: "Dizem que o modelo podia ser aí feito por qualquer curioso..."

Ao que parece, foi mesmo um curioso qualquer o executante do modelo. Daí vieram os defeitos que se notavam no nosso brasão de armas.

A pobreza de conhecimentos heraldicos embarçou o proprio dr. Ricardo. Em carta ao Barão Homem de Melo, diz: "Eu realmente não posso desenvolver idéia que me satisfaça a respeito porque felizmente Campinas ha terra nova sem tradições".

Neste passo, ao ilustre medico e politico faltou a lembrança de aplicar no caso o habito heraldico que Armando de Matos, em seu "Manual de Heraldica Portuguesa", assim indica:

"A simbologia usada na esfragistica municipal, por uma evolução paralela com a esfragistica heraldica, breve se confunde com esta e dá lugar àquilo que mais tarde se chamou armas da cidade, da vila ou da freguezia. Por vezes os selos de dominio eram influenciados pelas armas de algum nobre".

Portanto, andaria bem o dr. Ricardo se houvesse tomado inspiração nas armas nobilissimas dos Lemes, fa-

milia a que pertencia Francisco Barreto Leme, o fundador de Campinas.

Em que pese, porém, aos escrúpulos do dr. Ricardo, não foi ele totalmente infeliz ao escolher uma fênix para o nosso brasão, procurando representar com ela o ressurgimento de Campinas após a catastrophe de 1889, uma vez que, segundo os tratadistas, a fênix é peça heraldica das mais nobres e significativas.

De qualquer modo, os vereadores incumbidos de opinar sobre a proposição feita pelo dr. Ricardo, assim se manifestaram, em 30 de dezembro de 1889:

"A comissão especial incumbida de dar parecer sobre o escudo d'armas, cujo modelo em desenho foi oferecido pelo dr. Ricardo, foi de parecer que fosse aceito, eliminando-se o timbre".

Ora, o timbre era a coroa mural, representativo heraldico das armas de cidades... mas, sendo coroa, arrepiava o pêlo a alguns vereadores republicanos. O desenho original que Leopoldo Amaral, assumindo "ad hoc" o cargo de secretario da Camara, achou numa gaveta, mostra, por sobre a coroa, evidentes

sinais de que um pedaço de papel andara ali colado, em cumprimento ao parecer emitido pela comissão. Retirado o papel, por Leopoldo Amaral, tomou-se o modelo como estava e, por muitos anos, foi ele usado como emblema de Campinas.

Por volta de 1936, Roberto Thut e Aristides Monteiro de Carvalho e Silva, campineiros estudiosos da heraldica, tomaram a iniciativa de sanar os defeitos que se notavam em nossa pedra de armas e oferecer a Campinas um estema correto.

Após minudentes investigações, assim brasonaram as armas campineiras:

Escudo: Português antigo. Em campo de azul, uma fênix de ouro. Coroa mural de ouro, de quatro torres com três ameias e suas portas abertas de vermelho cada uma. Sobre a porta do torreão central, um escudete de azul, carregado de um crescente de ouro. Suportes: À destra, uma haste de cana de açúcar, e, à sinistra um ramo de café frutificado ambos de sua cor. Divisa: "Labore virtute civitas floret", de ouro, em listão de azul.

Entre as inovações, destacava-se o escudete sobreposto à coroa, o qual, com seu crescente de ouro, invoca Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

Em 1937, pela Resolução n.º 1001 da Camara Municipal, datada de 25 de setembro, foi adotado oficialmente o novo brasão.

Posteriormente, seu uso foi impedido por disposição de lei federal referente ao

uso de bandeiras, brasões ou outros símbolos próprios, por parte de unidades da federação. Desaparecido, algum tempo depois, esse impedimento, por sugestão de Francisco de Campos Abreu, membro do Instituto Heraldico e Genealogico de São Paulo, promulgou-se, a 9 de junho de 1947, o decreto-lei Municipal n.º 386 que revigorou o uso do brasão campineiro.

Seja-me permitido, ao terminar, uma pequena observação sobre a estética do novo emblema. A inclusão dos suportes, o café e a cana, representativos das principais culturas de Campinas em seus primeiros tempos, trouxe, penso eu, grande assimetria ao conjunto. Desejar o equilíbrio simétrico no desenho de ramos vegetais tão diferentes em suas linhas, seria mesmo impossível.

A solução para o caso estaria na colocação de café e cana em ambos os lados do escudo e não apenas cana à direita e café à esquerda. Para representar melhor minha idéia, tracei o desenho que ilustra estas linhas. Que não se veja nisso mais do que a intenção de explicar bem uma opinião apenas estética, pois, de resto, o brasão como está vai muito bem e a Roberto Thut e a Aristides Monteiro e a Carvalho e Silva deve Campinas grande e eterna gratidão.

